ANTI CAPITALISTA

N.º 15 (SÉRIE II) – MARÇO 2019

A LUTA PELOS DIREITOS NO REINO DOS TPC
P.04

PELO CLIMA: UNIÃO SAGRADA OU CONVERGÊNCIA DAS LUTAS?
PP.06-07

MARÇO: MÊS DE GREVES FEMINISTA E CLIMÁTICA

EDITORIAL

QUEREMOS DIREITOS, NÃO QUEREMOS FLORES!

Chegamos a março, mês da Greve Feminista. Há um ano que estamos envolvidas na construção desta Greve. Integramos a Rede 8 de Março, a plataforma nacional que reúne coletivos, associações, organizações políticas… e pessoas a título individual mobilizadas na construção da Greve Feminista Internacional. Aprendemos, estudámos, soubemos fazer juntas. Somos muitas, somos diversas, somamos razões. E nós, as ativistas feministas do Bloco de Esquerda, estivemos onde tínhamos de estar: na construção coletiva da Greve Feminista.

O âmbito internacional desta Greve tem que ver com o caráter estrutural dos problemas que enfrentamos, as manifestações de opressão derivadas do capitalismo e a sua vinculação com o patriarcado, tendo sempre em conta as particularidades de como este se manifesta em cada contexto social, cultural e político. Pretende reafirmar o 8 de Março como uma jornada de luta, e não como um dia de discursos ensaiados com validade de 24 horas. Além da sua matriz internacional, há outro aspeto muito importante a salientar: a Greve Feminista é uma greve social, na medida em que põe no centro a realidade das mulheres, para perceber o significado do conceito "trabalho" (que é diferente de emprego) na vida concreta. Sendo também uma greve laboral, uma greve ao trabalho remunerado, é uma greve que transcende o sentido tradicional, porque se estende ao âmbito da reprodução social, aos trabalhos invisibilizados dos cuidados e doméstico que as mulheres desempenham. Pretende ir ainda mais longe e estabelecer pontes com o movimento estudantil.

Não se dispensa ainda de construir força conjunta, principalmente quando sentimos na pele a injustiça do sistema opressor. Mais do que números, as vítimas de violência retomam a emergência do grito das mulheres argentinas, voz motriz desta construção grevista: "ni una menos, vivas nos queremos!". Mas este não é nem pode ser um grito solitário. Assistimos hoje, em Portugal e no mundo, a alarmantes efeitos de um racismo estrutural, que temos denunciado e combatido. A repressão policial no Jamaica e o debate público que gerou não são fenómenos isolados, mas retratos de um cenário social e político propício à instalação dos populismos e da reorganização da extrema-direita. Este e outros casos realçam a violência repressiva sobre comunidades racializadas, sublinham a criminalização da pobreza e a deterioração dos direitos de setores invisibilizados da sociedade. Acusam também uma democracia desigual, vulnerável ao consumo e ao mercado, mas também ao menosprezo das periferias e da integridade das vozes descontentes. Temos assistido às ameaças e discursos de ódio para com ativismos e ativistas que, com força e coragem, vêm enfrentando diariamente e há muitos anos injustiças tão quotidianas quanto enraizadas nas várias instituições.

A agressão sistémica não surge só do cassete-te. Na verdade, como diz a velha canção, "vem com botas cardadas ou com pezinhos de lã"; e vem com flores, quando o que se quer são direitos. O mês de março chega com ação feminista, na busca de uma força conjunta de transformação que garanta direitos reais, para todos e todas, todos os meses e todos os dias.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, onde se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** empenhadxs nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
Queremos direitos, não queremos flores!

3 **Ativismo**
Feminismo: depois da Greve, nada ficará como dantes

4-5 **Ativismo**
Pelo clima: união sagrada ou convergência das lutas?

6 **Debate**
A luta pelos direitos no reino dos TPC

7 **Debate**
A balada de um discente. Apelo a uma reocupação do vazio educacional

8 **Acontece**
Greve estudantil pelo clima

8 **Leituras**
Against Creativity, de Oli Mould
Vozes de Chernobyl, Svetlana Aleksievitch

8 **Escutas**
Conversa de Fila, Luca Argel

8 **Cinema**
Roma, Alfonso Cuarón

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Participaram nesta edição
Andrea Peniche
Adriano Campos
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Maria José Araújo
Mariana Delgado
Patrícia Monteiro
Tatiana Moutinho
Teresa Velásquez
Rita Gorgulho

Capa
Afrodite. Mariana Mendes Delgado. 2017. Fotografia, cor, 35mm. Centro Histórico, PE, Brasil.

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

FEMINISMO: DEPOIS DA GREVE, NADA FICARÁ COMO DANTES

BEATRIZ SIMÕES

A 18 de fevereiro, ocorreu o décimo primeiro femicídio de 2019, sabendo-se ainda que o perpetrador terá sido o ex-companheiro da vítima. Estas são mulheres a quem o sistema judicial falha, diariamente, ao alimentar os preconceitos e ao levar, canhestramente, a cabo decisões sintomáticas de falta de consciência social, ou, porventura, desprendimento da realidade.

Este é o tipo de violência mais evidente, pela sua dramaticidade. O ápice da selvajaria foi, por todo o país, protestado, através de manifestações organizadas pelo movimento feminista; são revoltas cuja autenticidade dificilmente pode ser reproduzida, porque se muitas pessoas se sentem revoltadas, só algumas, as mulheres, sabem que estão efetivamente na mira. Porque esta não é uma violência qualquer, é uma violência contra as mulheres, patriarcal, ancorada na dominação masculina. Existem, também, formas de violência diárias, mais subtis e sorrateiras, perante as quais se insurgem cada vez mais mulheres. Falo das desigualdades quotidianas, amiúde normalizadas, escondidas, e, segundo alguns, categóricas. Mas o facto de estarem normalizadas, não lhes retira a sua essência: são formas de machismo, que esmagam a autonomia e a liberdade das mulheres, que nos oprimem e exploram, em nome da manutenção de privilégios.

Em 2017, mais de duzentas mil mulheres estavam desempregadas, e a diferença dos salários de homens e de mulheres, na União Europeia, segundo o Eurostat, chegava aos 16,2%, o que significa que as mulheres trabalham 59 dias sem receber. Para além da desigualdade salarial, o inquérito *Assédio sexual e moral no local de trabalho em Portugal,* da Comissão para a Igualdade no Trabalho no Emprego (CITE), revela que 35% das mulheres se declaram vítimas de assédio moral e 16% de assédio sexual. Estes números têm rosto, e um deles é o da Cristina Tavares, a operária corticeira vítima de assédio moral, que nos tem dado a todas e a todos lições de resistência e dignidade. Sabemos do que falamos, porque temos estado com a Cristina Tavares nos atos solidários. A tudo isto se soma o facto de as mulheres, que representam quase metade da população ativa, serem mais de metade das pessoas que ganham o salário mínimo. São a maioria das beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI) e do Complemento Solidário para Idosos, muitas são cuidadoras informais, outras trabalham no setor informal, sem contrato e sem direitos, o que revela não apenas uma colossal desigualdade, como nos assegura que, no futuro, a pobreza continuará a ter rosto feminino, porque a desigualdade de hoje se reflete nas pensões futuras.

A diferenciação salarial dispara quanto mais aumentam as qualificações. O mesmo panorama se encontra em função das habilitações académicas, ou seja, quanto mais aumenta o nível de escolaridade, mais aumentam também as desigualdades salariais. Isto significa que o valor de trabalho sofre um viés de género, que não tem por base critérios objetivos – formação e competência. Sabemos, para além disso, que são as mulheres as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, trabalho este não remunerado nem valorizado. Todos os dias, em média, trabalhamos 4h30 em tarefas domésticas e de prestação de cuidados, mais 1h45 do que eles, o que perfaz cerca de três meses de trabalho gratuito. Se este tempo de trabalho fosse contabilizado como produção de riqueza, o PIB nacional duplicaria. Esta sobrecarga de trabalho retira-nos tempo ao descanso e ao lazer. Revisitemos a reivindicação do movimento operário no século XIX: 8 horas de trabalho, 8 horas de descanso, 8 horas de lazer, para percebermos como as nossas vidas e os nossos direitos são letra morta nesta era de capitalismo neoliberal.

O FEMINISMO COMBATE O PATRIARCADO, NÃO COMBATE OS HOMENS. NO ENTANTO, NÃO PODEMOS ACEITAR A PESPORRÊNCIA COM QUE ALGUNS SE ENCOSTAM AO PRIVILÉGIO.

Muitas vezes, a solução apresentada é a externalização do trabalho doméstico, esquecendo que isso reclama capacidade económica, que é uma proposta que não reconhece as desigualdades de classe. As tarefas domésticas e de prestação de cuidados têm de ser divididas, a par com uma luta por serviços públicos, caso contrário estaremos a perpetuar desigualdades, de género e de classe.

É por isto que a Greve Feminista Internacional é já uma experiência única, porque nos pôs a pensar em conjunto, intersecionalmente, cruzando género, "raça" e classe, e será um marco na construção de um movimento feminista comprometido com a transformação e a emancipação sociais. É um momento de reivindicação de direitos sociais, da igualdade no trabalho à diversidade dos currículos nas escolas, da destruição dos estereótipos e incentivos ao consumo ao combate às alterações climáticas e ao reconhecimento das pessoas migrantes como iguais. Nada ficará como dantes.

ATIVISMO

PELO CLIMA: UNIÃO SAGRADA OU CONVERGÊNCIA DAS LUTAS?

Daniel Tanuro

As mobilizações massivas em defesa do clima (…) provocaram um terramoto na sociedade a todos os níveis. Associações, sindicatos, partidos, aparato do Estado: todos foram profundamente sacudidos, porque ninguém sabe verdadeiramente como responder à pergunta de fundo: como limitar e travar a atual catástrofe climática?

Esta desorientação geral é produto da contradição trazida à luz do dia por Naomi Klein: para defender os interesses capitalistas, apesar de terem sido prevenidos há cerca de 25 anos, os governos do mundo inteiro não fizeram nada (ou quase nada), de forma que agora já não é possível salvar o clima sem tomar medidas contra os interesses capitalistas. (…)

LEI ESPECIAL SOBRE O CLIMA: OS POLÍTICOS EM AVALANCHE

Há umas semanas, especialistas de direito do meio-ambiente de diferentes universidades belgas (…) tornaram pública uma proposta de "lei especial sobre o clima". (…)

Impulsionada pela competição pré-eleitoral já em marcha, a classe política cavalgou a oportunidade. O Partido Verde foi o mais rápido: Ecolo e Groen apresentaram a proposta de lei redigida pela academia, modificando-a num valor: redução em 55% das emissões de gás com efeito de estufa, em vez dos 65% proposto pelas e pelos universitários. (…)

QUANDO A ÁRVORE ESCONDE O BOSQUE

(…) Indaguemos o que tem esta proposta de lei de especial. (…) A atenção é imediatamente captada por um ponto positivo deste texto: os objetivos de redução das emissões em 2030 e 2050 são realmente ambiciosos, à altura do que é necessário para evitar que a catástrofe se transforme num cataclismo. Mas a árvore não deve esconder a floresta. À falta de pontos de referência, a ambição destes objetivos poderá ser enganosa. Este risco é tanto maior quanto o espírito geral do texto (…) não questiona a situação atual. Em resumo, para os autores e as autoras:

1. O Acordo de Paris sobre o clima é um bom acordo:
2. A política da União Europeia para aplicar este acordo é uma boa política, "ambiciosa";
3. A Bélgica infringe esta política;
4. A Lei Especial visa colocá-la no bom caminho, sob a orientação de um "comité de especialistas" designado pelas universidades.

Ora, o Acordo de Paris não é um bom acordo. É verdade que este texto estabelece o objetivo de manter o aumento da temperatura «bem abaixo dos 2º C, ao mesmo tempo que prosseguem os esforços para não superar os 1.5º C». Mas isto não é mais do que uma declaração de intenções (…) e o diabo está nos detalhes. O diabo, neste caso, é o seguinte: o Acordo de Paris baseia-se na ideia de equilibrar as absorções e as emissões de carbono a nível mundial em 2050 (…) Ora, o texto não especifica que absorções podem ser consideradas neste equilíbrio.

MECANISMOS DE MERCADO E TECNOLOGIAS MILAGROSAS

Porque é isto tão importante? Por duas razões. A primeira: o Acordo de Paris mantém a possibilidade dos contaminantes do Norte comprarem "créditos de emissão" aos países do Sul. De onde vêm estes créditos? Das absorções de carbono pelos ecossistemas florestais ou pelas plantações industriais de árvores ou reduções de emissões derivadas de "investimentos em desenvolvimento limpo" pelas empresas do Norte. Resumindo: as empresas dos países "desenvolvidos" podem continuar a emitir muito carbono, desde que compensem esse excesso comprando direitos de poluir. Por que razão é isto um problema? Porque há inúmeras provas de que esta compensação se faz à custa dos povos do Sul, em particular das e dos camponeses, assim como dos povos indígenas, que vivem da floresta e cuidam da floresta. Também existem inúmeras provas de que as reduções de emissões feitas pelos "investimentos limpos" são muitas vezes falsas e permitem, na realidade, às empresas do Norte obterem bons lucros a coberto da proteção do clima. A segunda: o Acordo de Paris não exclui o desenvolvimento de "tecnologias de emissão negativa" ou de geoengenharia. Pelo contrário: o recurso a estas tecnologias está implícito no Acordo. (…) Em suma: as mul-

tinacionais poderão continuar a emitir carbono em excesso, se comprarem direitos de emissão provenientes da implementação das tecnologias que retiram o carbono da atmosfera ou refletem os raios solares antes destes entrarem na atmosfera. Porquê que isto é um problema? Porque estas tecnologias são hipotéticas e algumas delas podem ser verdadeiramente perigosas. Elas não oferecem garantias de que a remoção do carbono seja efetiva, suficiente e definitiva. Mais importante ainda, a principal destas tecnologias, a bioenergia com captação e armazenamento de carbono (BECCS) é uma bomba-relógio social e ecológica. (…) De um lado, mecanismos de mercado para compensar as emissões por meio de "créditos de emissões", de outro, tecnologias de aprendiz de feiticeiro (as quais convém acrescentar o desenvolvimento sem sentido do nuclear): estas duas respostas estão no centro da tentativa de o "capitalismo verde" responder ao desafio climático sem colocar em causa a vaca sagrada do crescimento, ligada à competição pelo lucro de um sistema capitalista que ainda é 85% baseado em combustíveis fósseis. Por esta razão, estas duas respostas estarão no centro das lutas das próximas décadas. (…)

JUSTIÇA SOCIAL? POR FAVOR, SEJAM ESPECÍFICOS

(…) O texto das e dos académicos não é omisso sobre esta questão: ele diz que a justiça social deve ser um "princípio" da política climática. É suficiente? Não, porque o texto baseia-se, sem as contestar, nas regras e nos tratados da União Europeia, cujo objetivo estratégico consiste em destruir os sistemas de proteção social para flexibilizar e precarizar ao máximo o trabalho.

Nestas condições, seria muito imprudente contentar-se com uma pequena frase genérica sobre a importância do "princípio de justiça social". O mínimo exigível seria que esse princípio fosse explicitado em termos concretos: garantia de emprego, dos rendimentos, da proteção social, do direito ao trabalho. (…)

MANOBRAS DE TODO O TIPO

(…) Neste jogo de politiquice, a trapaça dos Verdes sobre a percentagem de redução das emissões é escandalosa e muito reveladora das suas intenções. Com efeito, segundo o relatório especial do GIEAC publicado em outubro passado, permanecer abaixo de 1.5º C de aquecimento só é possível se as emissões mundiais (tendo em conta as absorções) diminuírem 58% entre 2020 e 2030 (sem esta redução vertiginosamente drástica, será necessário recorrer às tecnologias de emissões negativas e, quem sabe, à geoengenharia). Alcançar uma tal redução a nível mundial implica que os países "desenvolvidos" diminuam efetivamente as suas emissões à volta dos 65% (…). Porquê que os Verdes substituíram este número por um objetivo de 55% (…)? Porque querem chegar ao poder (…).

No entanto, para desmontar a manobra da união sagrada não basta ser fiel ao texto original das e dos académicos sobre os valores das metas de redução de emissões (…). Tanto mais que as reduções deste tipo – e mesmo uma redução de 55% - num período de dez anos apenas são alcançáveis se se sair dos paradigmas do crescimento e do produtivismo. Em concreto, trata-se de suprimir as produções inúteis e nocivas, assim como os transportes inúteis, o que reclama, em simultâneo, um programa anticapitalista de redução radical do tempo de trabalho sem perda de salários, um programa público de formação/reconversão da mão de obra mantendo todas as conquistas sociais, etc. (…)

Para além da controvérsia criada pela manipulação dos números pelos Verdes, a "proposta de lei especial" das e dos académicos é, em si mesma, inaceitável. Pelo seu silêncio, este texto opta cinicamente pela política capitalista de "salvar o clima" às custas dos povos do Sul e dos seus ecossistemas. Pela sua falta de garantias na concretização do princípio geral da "justiça social", deixa o campo livre à política neoliberal europeia de destruição das conquistas sociais. Finalmente, pelo simples facto de existir, esta lei (…) serve objetivamente para tirar a questão climática da rua e a confinar à arena parlamentar.

Na rua, a mobilização pelo clima estimula todas as mobilizações, todas as revoltas, encoraja pouco a pouco debates sobre a convergência das lutas (sindicais, sociais, feministas, ambientais, anticoloniais). No parlamento, os políticos dedicar-se-ão a colocar o testo na panela. (…) A jovem sueca Greta Thunberg apela a uma jornada global de ação no próximo 15 de março. Respondamos "presente!". Não à união sagrada, sim à convergência das lutas!

A LUTA PELOS DIREITOS NO REINO DOS TPC

MARIA JOSÉ ARAÚJO

Para a criança ou para o adolescente, o trabalho escolar dentro e fora da escola, com tudo o que ele comporta de atividade, representa o exato equivalente ao trabalho profissional de vida de um adulto. Mas, enquanto a duração do trabalho profissional exige um grande descanso para a maioria dos adultos, o TPC continua não só a ser praticado como legitimado pela ideia de que ajuda a aprender mais. Partindo do princípio de que as crianças têm muito tempo livre (que os adultos deveriam "ocupar") depois de um dia de atividade letiva, prescreve-se um conjunto de tarefas "pós-laborais": cópias, repetições de palavras, fichas e contas que, na maior parte das vezes, se limitam a reproduzir os conteúdos dos livros. São tarefas que a criança tem obrigatoriamente de executar e são visíveis porque ficam registadas no caderno. Ou seja, ao contrário do ato de estudar, que se deve ensinar e incentivar, mas que não se vê, este tipo de tarefa dá ao adulto a ilusão de que o aluno/a esteve a aprender mais. Este equívoco leva à questão: não sabemos o que é aprender e não sabemos o que significa estudar. Em qualquer dos casos, o modo imperativo – aprende, estuda ou ama – não funciona sem a adesão voluntária do próprio. Portanto, não há aprendizagem, como eles referem: decorei, despejei no teste e já me esqueci.

Não se brinca com o TPC, mas brinca-se com a sigla inventando outras designações: trabalho para carecas, trabalho para cábulas, tortura para crianças, uma reflexão crítica relativamente ao que significa este tipo de trabalho que lhes rouba o tempo de brincar, descansar, sociabilizar e descobrir. A forma humorística é uma maneira de aceitar este tipo de trabalho, alienante e sem sentido (seca), constituindo a subversão da designação pela manutenção das iniciais (TPC) uma forma de resistência simbólica a algo que sentem como hostil.

DIREITOS DAS CRIANÇAS E DEVERES DOS ADULTOS

Por que razão queremos nós ignorar o que diz a investigação e persistir nesta prática?
Avançamos com sete hipóteses:

1) controlar e manter relações de poder;
2) não reconhecer aos alunos/as capacidade para organizar o seu tempo e tomar decisões;
3) confundir trabalho por conta de outrem (TPC) com trabalho independente (brincar), as crianças são ignoradas como sujeitos atuantes, responsáveis pela construção dos seus projetos de vida;
4) não reconhecer os direitos legais como fundamentais para o exercício da cidadania; não basta ter direitos, previstos na Declaração dos Direitos das Crianças, é preciso ter condições para o seu exercício;
5) violência doméstica, excesso de trabalho, conflito, agressão física, punindo, de acordo com o Artigo 152.º do Código Penal, alínea c), quem *sobrecarregar com trabalhos excessivos é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos,* se o facto não for punível pelo art.º 144, *conflito e agressão física, verbal ou intelectual*, em que a pena pode ser mais pesada;
6) apostar numa educação tecnicista e numa visão conservadora de escola e de educação;
7) falta de pensamento crítico e dificuldade em tomar posição. A cumplicidade dos educadores com a escola para o desempenho do TPC é ambígua, pois nunca se decide com clareza se se está preocupado com a escola ou com a criança. Esta ambiguidade é ainda mais grave se considerarmos que as crianças passam a ser alunas também em casa, mas aí em condições tão desiguais como as casas o são umas das outras, contrariamente à escola, que é igual para todas. Para além disso, a criança que é sobretudo aluna é uma criança diferente da criança ativa culturalmente, é uma peça do mundo dos adultos e preenche os interesses dos adultos.

Se chegado aqui o/a leitor/a ainda não tomou a sua decisão, terá até ao período eleitoral para compreender que um dos motivos por que se perpetua este trabalho repetitivo e inútil é, sobretudo, porque as crianças não votam!

Quino

DEBATE

A BALADA DE UM DISCENTE. APELO A UMA REOCUPAÇÃO DO VAZIO EDUCACIONAL

HUGO MONTEIRO

1. Entras na Faculdade pela porta da frente, com a frescura do entusiasmo e da manhã. É o primeiro dia, a primeira hora de um percurso celebrado como a primeira vitória da vida adulta: entras na Faculdade pela primeira vez, no passo decidido de quem ganha o futuro.

2. Entras na Faculdade pela porta da frente. Venceste provações de exames e de normas escolares. E agora que passas o corredor, entre anúncios de formações em empreendedorismo, entre cartazes anunciando a eterna juventude das *start-ups* e de inovação eternamente vendável, achas que o tempo é mais teu. Mas não evitas a tentação retrospetiva: a ansiedade das notas, a competição desabrida e a desistência mais ou menos precoce de quem ficou para trás. O teu caminho é mesmo pela porta da frente. Ganhaste-o. É teu?

3. Desaceleras o passo, olhas para o relógio. Estranhas a rapidez com que a memória te traz as longas horas escolares, em sincronia com os teus passos inaugurais pelo corredor da faculdade. Por dentro, a memória das lentas e solitárias ruminações do estudo; por fora, a marcha triunfal pelo discurso dos vencedores, na lógica empresarial e modernaça dos pregões pós-modernos dos cartazes: empresas e empresários com máquinas de *pinball* em salas sem paredes, ou com paredes de vidro (com telhados de vidro também?), sem muros que lhes assombrem a fatalidade da vantagem e do lucro. Amainas aí a sensação da tua vitória. Sentes que talvez o árbitro tenha estado do teu lado, mesmo que nada tenhas feito por isso.

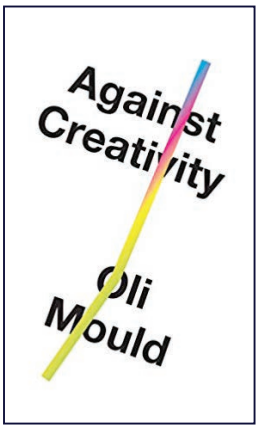
4. E se um apagão geral mandasse às urtigas as pesquisas, a wikipédia, o *google* académico – e já agora a rede social, a plataforma de chat e o jornal desportivo? Se de repente só te sobrasse a tua curiosidade, a curiosidade dos outros e das outras, o prazer de uma conversa longínqua e de gostos sentidos, partilhados e discutidos? Não um polegar levantado, no automatismo gráfico de quem nada tem para dizer, mas a argumentada fruição com que gostas realmente das coisas… E se a escola te tivesse ensinado principalmente a perguntar e a partilhar? E se nessa fúria reformista em que o teu percurso escolar te embrulhou, do bolor do Crato ao caldo educativo de "tendência europeia", te tivessem ouvido realmente? E se a escola não te tivesse isolado no teu aparente percurso de triunfo?

5. Retiras os auscultadores que te isolam do mundo, na viagem diária de autocarro. Aprecias agora o jovem casal à tua frente, a sua seriedade quase solene, como se o quotidiano os tivesse levado a desaprender a sorrir. (E se a escola insistisse em nunca se desistir de sorrisos?) A voz deles estiliza-se no turno do *call center* ou ao balcão do *fast-food*, sorrisos de cera e expressões de plástico que demoram a desmanchar ao fim do dia. Sentes que esse uniforme difícil de despir traduz o sucesso de uma forma de sociedade, em que o corpo e a postura são valores de troca. E que a escola, na sua disciplina férrea de mesas alinhadas e olhar para a frente, teve um papel específico na confeção deste uniforme. A tua postura triunfal é apenas outra forma de o vestir.

6. Decides então reivindicar para ti, para todos e todas, o tal corredor da Faculdade, no direito de cada um/a à sua própria marcha triunfal. Sentes que a efetividade da tua reivindicação depende da reocupação de um espaço deixado vazio: o espaço da educação como um todo, para lá da ação circunscrita da pequena reforma ou da reivindicação setorial. Esperas pelo momento em que a tal educação democrática, instigadora da democracia e não apenas reflexo de tendências da ideologia do mercado, renasça com intencionalidade e abrangência, contando com a voz de toda a gente na sua construção.

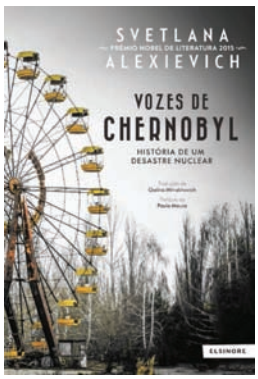
Esperas e, com a frescura e o entusiasmo das manhãs, não vais esperar sentado.

LEITURAS



AGAINST CREATIVITY
Oli Mould
240 páginas | 2018 , Verso Books, PVP: ± 17.30 Euros

Against Creativity, de Oli Mould, identifica e descreve o modo como o capitalismo neoliberal capturou em seu proveito o conceito de "criatividade". Com os inevitáveis exemplos de Steve Jobs ou Zuckerberg, modelos da criatividade como matéria-prima para a miragem do sucesso, este livro desmascara a apologia da criatividade como forma de legitimação da precariedade e do individualismo. Nas dimensões do trabalho, da política, da indústria, da educação ou do quotidiano, está em causa uma espécie de colonização mercantil da noção de criatividade. No modo como se reconfigura sob as leis do capital, a criatividade passa a ser peça-chave na conversão das pessoas em mercadorias transacionáveis, justificando (in)sucessos num mundo "fatalmente" competitivo e individualizado. Na proposta de Mould, a par da crítica vem o necessário resgate do conceito, ensaiando-se os moldes de uma "criatividade radical" na construção de alternativas e de resistência. Hugo Monteiro



VOZES DE CHERNOBYL
Svetlana Aleksievitch
336 páginas | 2016 , Elsinore, PVP: ± 17.70 Euros

O livro de Svetlana Aleksievitch, Vozes de Chernobyl, conta a história outrora silenciada de centenas de pessoas que sofreram as consequências do acidente que contaminou quase três quartos da Europa – a explosão da central nuclear de Chernobyl.
Contando com centenas de relatos, Svetlana concede voz a militares cujo trabalho era limpar os destroços e cuja grande maioria sofre efeitos pela prolongada exposição à radiação, a cientistas ignorados pelo Governo, que podiam ter salvado milhares de vidas inocentes, a idosos abandonados em aldeias sem nenhuma companhia além dos animais, a ativistas que procuraram sempre estar presentes nesta luta contra algo intransponível – a radiação –, e a crianças que contam ser frequentemente marginalizadas por serem "crianças de Chernobyl". Svetlana dá-lhes a voz de uma forma primorosa, o que causa no leitor e na leitora um profundo sentimento de empatia e solidariedade. A autora faz-nos sentir enquadrados em cada momento do livro, descrevendo com tamanho pormenor, inclusive os atos considerados mais banais, mas que aqui recebem lugar de destaque, pois consistem numa contextualização generalizada da situação em que a escritora e o entrevistado se encontram. Patrícia Monteiro

ESCUTAS

CONVERSA DE FILA
Luca Argel | **https://lucaargel.bandcamp.com/album/conversa-de-fila**

Das situações mais corriqueiras às vezes surgem as ideias mais extraordinárias. Tal como numa simples conversa com um desconhecido na fila do banco, do aeroporto, ou no balcão de um tasco qualquer, o novo álbum de Luca Argel captura despretensiosamente a nossa atenção. Mas, quando menos se espera, damos por nós passeando por outro hemisfério, onde no Natal faz muito calor; ou noutro planeta, passageiros de um foguetão; ou ainda noutra realidade, onde é a banana que come o macaco, e é a bola que chuta o craque. Sem perder a singeleza das melodias e a doçura da voz, Em Conversa de Fila, e fazendo jus ao seu antecessor, Bandeira, Luca Argel, mais uma vez, oferece-nos, em forma de música, um punhado de histórias cheias de humor e lirismo, que tanto instigam quanto divertem. Quem entrar nesta fila não se há de arrepender.

CINEMA

ROMA | *Afonso Cuarón, 2018*

Estamos solas. No importa lo que te digan: siempre estamos solas.
Roma, o aclamado filme de Alfonso Cuarón lançado em 2018, é, na sua essência, um filme feminista. A análise da realidade mexicana do início da década de 1970 revela um olhar que é sensível ao brutal desfasamento entre classes sociais, mas que não esquece o peso que assumem etnia e género nesse desfasamento. Cuarón conta, de forma marcadamente pessoal, a história de uma família de classe média mexicana, onde assumem papel de destaque as figuras femininas: Sofia, a mãe, que se vê forçada a assumir o abandono do marido e a refazer o seu quotidiano, assumindo a gestão do núcleo familiar e um trabalho a tempo inteiro; Teresa, a avó que, sendo quase invisível, ilustra a condição-empecilho das mulheres idosas após a viuvez, entregues aos familiares disponíveis a prestar-lhes auxílio, e Cleo, a ama, empregada doméstica, pobre e indígena. Cleo, a menina-mulher que cuida silenciosamente da casa, das crianças, dos afetos, da estabilidade (e da instabilidade). As figuras de Cleo e de Sofia revelam, em dois universos distintos, quando veem televisão na mesma sala de estar, - com Cleo sentada no chão e pronta a ir buscar chá perante ordem da patroa, claro! - o que significava e significa ser-se mulher (e mãe) num mundo que não foi pensado para mulheres (e mães) existirem de forma autónoma. Duas mulheres que, tão próximas e tão distantes, se veem a braços com o peso de cuidar da casa e dos filhos, com a diferença de estatuto e a ausência de apoios, com a solidariedade e empatia do mundo que as rodeia, cada qual na sua condição. Num presente ainda bastante marcado pelas "senhoras lá de casa", o filme de Cuarón relembra-nos o porquê de as relações de trabalho, ainda que muitas vezes revestidas de afeto, sublinharem realidades sociais altamente estratificadas e opressivas. A ilustração da vida destas mulheres recorda-nos também que, ontem como hoje, a opressão de género é transversal à classe social. Tal como a sororidade: o que Sofia não menciona verbalmente é que existe um pacto de entreajuda e apoio mútuo entre todas as figuras femininas da película, também ele transversal à classe social, mas não alheio a esta. Teresa Velásquez

ACONTECE

15 DE MARÇO
GREVE ESTUDANTIL PELO CLIMA

Lisboa: marcha desde o Lg. Camões até à Assembleia da República.
Pto. de encontro: Largo Camões, 10h30

Porto: concentração em frente à Câmara Municipal
Ponto de encontro: Câmara Municipal, 10h30

Coimbra: concentração em frente à Câmara Municipal
Pto. de encontro: Câmara Municipal, 10h30

Faro: marcha desde o relvado do Fórum até à Câmara Municipal
Pto. de encontro: Fórum, 10h30

Braga: marcha desde a Pç. da República até à Avenida Central
Ponto de encontro: Praça da República, 10h30

Funchal: concentração em frente à Assembleia Legislativa
Pto. de encontro: Assembleia Legislativa, 10h30

Setúbal: concentração no Lg. de Bocage
Pto. de encontro: Largo de Bocage, 10h30

Leiria: concentração na Pç. Rodrigues Lobo
Pto. de encontro: Pç. Rodrigues Lobo, 10h30

Arouca: concentração na Praça Brandão de Vasconcelos
Pto. de encontro: Praça Brandão de Vasconcelos, 10h30

Santa Maria: concentração em frente à EBS Santa Maria
Pto. de encontro: EBS Santa Maria, 9h30

CONTACTOS

Email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**

www.redeanticapitalista.net